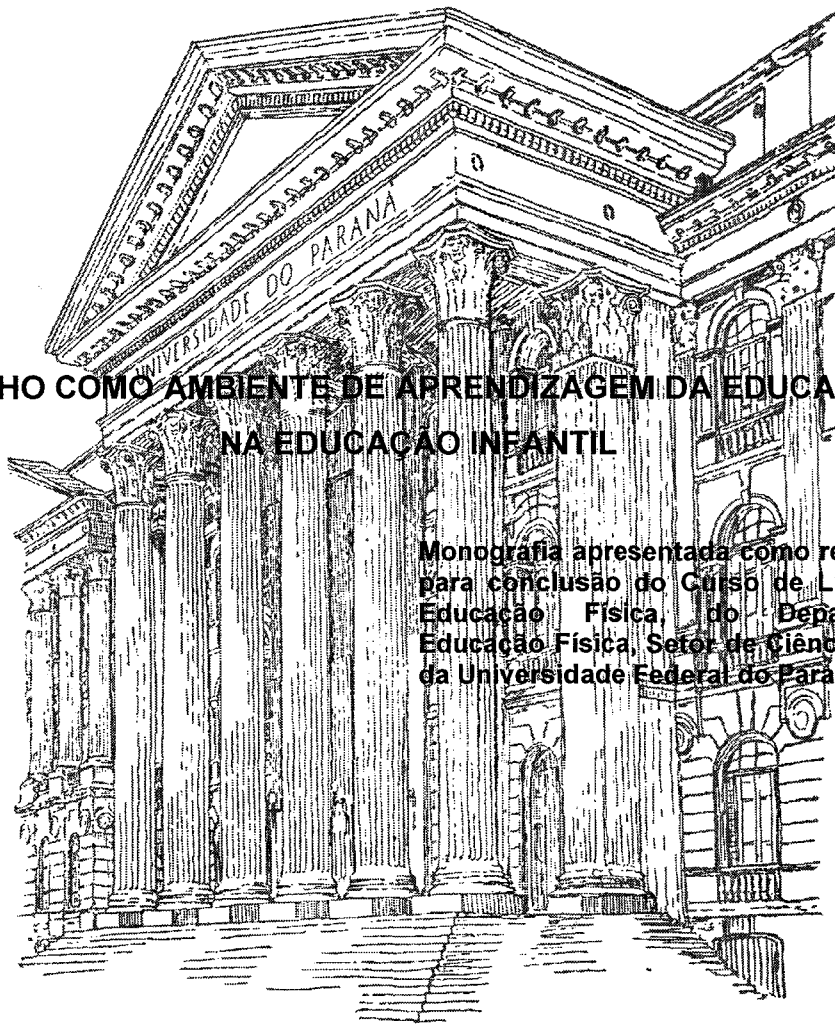


ANNA JÚLIA RIBAS

**O PARQUINHO COMO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2005

ANNA JÚLIA RIBAS

**O PARQUINHO COMO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

Orientadora: Dr^a Marynelma Camargo Garanhani

Dedico este estudo à minha mãe Júlia Eliane Murta por ter me dado a vida e a alegria de viver e por não ter cortado as minhas asinhas. Por ter me enviado um certo dia véspera de vestibular um cartão com os seguintes dizeres: “Para estar junto, não é preciso estar perto, mais sim do lado de dentro” (?). Apesar de não estarmos morando juntas atualmente, você é a pessoa mais importante da minha vida. Ao meu pai Francisco Ribas, que não está mais entre nós, por sempre me incentivar nos estudos e me ensinar a ter paciência.

AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que de alguma forma incentivaram e colaboraram para a realização deste estudo.

Á mana Juliana Christina Luppi Ribas por disponibilizar seu computador para a realização deste trabalho, pelo carinho, compreensão, guloseimas, e ainda pela minha ausência mesmo morando juntas. Por desligar o abajur “todas” as noites;

Á Vovó Thereza Christina Ribas pelo acolhimento, carinho, incentivo e proteção e é claro pelos maravilhosos cafés da tarde;

Á amigona Caroline da Rocha, pelo carinho, amizade, incentivo e ainda por ser companheira de “corrida, natação” e trabalhos acadêmicos;

Ás amigas Damaris Castro Rosa Volino e Nathália Palhano pelo carinho e amizade;

Á companheira de trabalho Juliana Cordeiro Martinez, pelas boas risadas e momentos de descontração e incentivo;

Á orientadora Maynelma Camargo Garanhani pela paciência em me atender, aconselhar e por disponibilizar materiais (alguns considerados “filho único”);

Ao Alder F. Spindler pela paciência nas minhas ausências e pelo incentivo e carinho;

Aos meus queridos alunos da natação pelas boas risadas e incentivos;

Á amiga Andréa Frazon por ter sido fonte inspiradora para começar a correr (para relaxar durante a confecção deste estudo). Por me escutar e aconselhar nos diversos momentos;

Aos amigos da cidade de Maringá pelas boas risadas e momentos inesquecíveis na UEM - Claudia Zambaldi, Adriane Trevisan, Clarissa Casagrande, Alessandra Zulin, Vanessa Regina Rocha, Paulo Gabriel e Rogério Estefano Bledon;

Para todos o meu carinho ...

O MUNDO

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus.

Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

O mundo é isso – revelou. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.

Eduardo Galeano

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	vii
RESUMO.....	viii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL	4
2.1.1 Ambientes de Aprendizagem	6
2.1.1.1 O parquinho.....	14
2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
2.2.1 O Parquinho como Recurso Pedagógico da Educação Física na Educação Infantil	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	28
4.1 ESCOLA 1.....	28
4.1.1 Caracterização da Instituição.....	28
4.1.2 O Parquinho.....	29
4.1.3 A Aula de Educação Física	30
4.2 ESCOLA 2.....	32
4.2.1 Caracterização da Instituição.....	32
4.2.2 O Parquinho.....	32
4.2.3 A Aula de Educação Física	34
4.3 ESCOLA 3.....	35
4.3.1 Caracterização da Instituição.....	35
4.3.2 O Parquinho.....	35
4.3.3 A Aula de Educação Física	37
5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ELEMENTOS ASSOCIADOS AO CONCEITO DE ESPAÇO E.....	8
AMBIENTE	
FIGURA 2 – DIMENSÕES DO AMBIENTE ESCOLAR.....	9
FIGURA 3 – DIFERENCIAÇÃO DOS AMBIENTES.....	11

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – TEMAS NORTEADORES.....	26
QUADRO II – TEMAS E PERGUNTAS NORTEADORAS.....	27
QUADRO III – ANÁLISE DOS TEMAS NORTEADORES.....	39

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi verificar como os professores de Educação Física utilizam, nas suas práticas pedagógicas, os parquinhos presentes no contexto da Educação Infantil. O estudo foi desenvolvido com base em leituras de estudos que tratam da Educação Infantil (SAMENTO e PINTO, 1997; HORN, 2004; DAHLBERG; MOSS e PENCE, 2003); da educação física/ movimento (CARDONA, 1999; GARANHANI, 2004) e dos ambientes de aprendizagem (ÁNGEL, 1995; FORNEIRO, 1998; ZABALZA, 1998). A coleta de dados ocorreu por meio da observação de aulas de Educação Física para turmas de Jardim II (4 – 5 anos) realizada no parquinho. As observações foram norteadas pelos temas: organização, materiais, segurança, interação, estética, diversidade, transformação, polivalência, delimitação, estruturação, autonomia, motivação, concentração e aquisição de múltiplas habilidades motoras, sendo que os procedimentos metodológicos se orientaram pelos estudos de TRIVIÑOS e MOLINA (1999), LUDKE e ANDRÉ (1986), FORNEIRO (1998) e WALSH e GARDNER (2005). Conclui-se no estudo, que o parquinho é utilizado de acordo com a atividade do dia e a necessidade das crianças, sendo pouco explorado seus recursos materiais. Considerado como um dos ambientes de aprendizagem de movimento da Educação Infantil, o parquinho, por ser rico em estímulos, faz com que as crianças interajam desde a tenra idade com objetos e materiais diversos, umas com as outras e com os adultos. Portanto, é um ambiente que auxilia no processo de desenvolvimento integral das crianças (aspecto físico-motor, emocional, intelectual e social) e ainda ameniza algumas privações (espaço físico e da natureza) vivenciadas pelas crianças no seu dia a dia.

Palavras chaves: Educação Infantil, ambientes de aprendizagem, parquinho, movimento

1 INTRODUÇÃO

Conforme proposto por FORNEIRO (1998), o ambiente refere-se ao conjunto de espaços físicos (locais para atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração) e às relações que se estabelecem no mesmo (os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre as crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto).

Segundo FORNEIRO (1998, p. 233), pode-se ainda definir ambiente como “um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida.”

O ambiente de aprendizagem de movimento deve proporcionar a criança todas as formas de correr, saltar, equilibrar, jogar, segurar, pular, etc e oportunidades de desenvolver-se no aspecto físico-motor, emocional, intelectual e social. Esse ambiente pode ser a casa, o clube, a escola, a rua, uma praça pública, um parque, uma associação. Entretanto, neste estudo, trataremos especificamente dos **parquinhos**¹ das escolas de Educação Infantil.

Considerado como um dos ambientes da Educação Infantil - o parquinho - por ser rico em estímulos, faz com que as crianças interajam desde a tenra idade com objetos e materiais diversos, umas com as outras e com os adultos. Portanto, é um ambiente que auxilia no processo de desenvolvimento das crianças.

Os parquinhos poderão também ser utilizados durante as aulas de Educação Física e não só nos intervalos para o lanche, momentos de descanso de professores, espera dos alunos por seus pais, horário vago quando um professor está ausente. O tempo designado para usufruir desse ambiente na escola deve ser

¹ Após realizar uma leitura sobre os espaços lúdicos de PEREIRA (2000), e por não haver uma denominação específica para o espaço utilizado somente pela comunidade interna das instituições de ensino e aprendizagem, no contexto da Educação Infantil, denominaremos neste estudo esse espaço de “Parquinho”. Os termos utilizados, com maior frequência, são pátio, área de lazer, parque, área externa, entre outros. Tratar o parque com o seu diminutivo parquinho foi pensado por se tratar de um espaço próprio para a criança pequena dentro das escolas de Educação Infantil, ou seja, o ambiente com seus espaços é próprio para a idade e quase tudo proporcional à estatura da maioria dos indivíduos que o explora.

melhor aproveitado, potencializando assim as oportunidades de experiências da criança pequena.

Estamos vivenciando numa época em que o período no qual as crianças permanecem ao ar livre tem se tornado cada vez mais escasso devido a vários fatores. Entre eles destacam-se a falta de tempo dos pais para levarem seus filhos as praças e parques em decorrência de sua elevada carga horária de trabalho; pela falta de segurança desses espaços públicos, etc. Assim, as crianças acabam ficando em casa e prendem sua atenção nos apreciados vilões eletrônicos - tv, vídeo game, computador. A não vivência de experiências proporcionadas por esses espaços ao ar livre, poderá dificultar o desenvolvimento motor infantil e ainda proporcionar um aumento na probabilidade de tornarem-se adultos sedentários.

Pelo movimento do corpo estar presente em todas as atividades que a criança vivencia, o professor de Educação Física poderá enriquecer sua prática pedagógica atuando como um facilitador para a exploração desse ambiente do movimento - **o parquinho**. De acordo com HORN (2004), o espaço na Educação Infantil é, antes de tudo, um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa, não devendo, portanto, ser encarado somente como um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo.

Campos, citado por RAMOS (1996), afirma que a movimentação adequada e diversificada é imprescindível para que a criança crie e aprimore a relação entre tempo e espaço, o domínio do corpo, noções de alto, médio e baixo, frente, atrás, pequeno, grande, direita e esquerda. Trilhas, obstáculos e brinquedos que favoreçam a manipulação de objetos com as mãos e pés, deslocamentos do corpo, estabilidade e equilíbrio, auxiliará no desenvolvimento das crianças, podendo tudo isso ser trabalhado nos parquinhos das escolas de Educação Infantil.

Diante destas considerações, o presente trabalho trata-se de uma continuidade de um estudo realizado na disciplina de Projetos Integrados do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (2004), no qual pesquisamos os ambientes de aprendizagem de movimento na Educação Infantil, tendo como problemática: como e por quem são criadas as delimitações existentes em sala de aula (cantinho² da leitura, do alfabeto, da matemática, tapete

² A denominação *cantinho* refere-se aos pequenos espaços criados dentro da sala de aula, os quais possuem (ou não) uma delimitação de acordo sua mobilidade (fixo, semifixo, móvel ou misto) conforme Figura – 3.

para descanso, entre outros), uma vez que julgamos importante conhecer se existe ou não a participação das crianças na construção desses espaços e como elas se comportam diante deles. O ambiente observado, neste estudo, foi a sala de aula e, para dar continuidade a este trabalho, trataremos especificamente dos parquinhos de algumas das instituições de Educação Infantil da cidade de Curitiba. Julgou-se importante desenvolver um estudo sobre o parquinho por ser um ambiente rico em recursos (brinquedos / estruturas) e estarem presentes nas Instituições de Educação Infantil.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A vida da criança é vivida através de infâncias
construídas para elas, a partir das compreensões dos adultos
sobre a infância e sobre o que as crianças são e devem ser.
(Mayall, 1996)

Para início do estudo faz-se importante conceituar os termos criança, infância e Educação Infantil.

Para SARMENTO e PINTO (1997), as crianças sempre existiram, desde o primeiro ser humano, já a infância é uma construção social. Além de ser uma construção social, a criança, de acordo com HORN (2004), é um ser **que existe** em plenitude no **aqui e agora**, produzindo **enredos** e inserindo-se em **cenários** que, muitas vezes, não são feitos para ela.

Assim, **ser criança** varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior da fratria de uma mesma família e variar de acordo com a estratificação social, com a duração histórica e com a definição institucional da infância dominante em cada época.

Bob Franklin (1995) citado por SARMENTO e PINTO (1997, p. 17), relata que “a infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância.”

Através de suas experiências e conhecimentos, os adultos constroem a infância das crianças moldando desde o início o que elas são e devem ser. Esse molde se constrói no interior das famílias e também se concretizam nas escolas de Educação Infantil freqüentadas pelas crianças desde cedo.

A Educação Infantil, para DAHLBERG; MOSS e PENCE (2003), é entendida nos termos básicos, como uma fase que equipa as crianças pequenas de habilidades para o que virá a ser julgado em termos de resultados somente em fases posteriores.

O termo Educação Infantil refere-se às instituições de atendimento às crianças de até 6 anos, mais comumente conhecidas como creches e pré-escolas conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (2003).

Seção II – Da Educação Infantil

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

A Constituição Brasileira e o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelecem que é dever do Estado, por meio dos municípios, garantir a Educação Infantil. Em relação à organização de espaços físicos para a educação da criança de 0 a 6 anos segue normas, padrões e critérios de funcionamento estabelecidos pelo Ministério da Educação - MEC

No início dos anos 90, conforme citado por GARANHANI (2004, p. 3), “houve no Brasil um fortalecimento dos estudos na área da Educação Infantil, decorrente do intenso debate que antecedeu a Constituição Federal de 1988, a qual caracterizou a educação em creches e pré-escolas como um direito da criança, dever do Estado e opção da família.”

HORN (2004), também relata que nesse mesmo período um novo status é conferido a criança a partir da constituição, a qual se desmembra através do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), pela Lei Orgânica da Assistência Social (1993) e LDB (1996).

Em sua tese, GARANHANI (2004, p.3), registra que:

...os avanços dos estudos sobre a educação da pequena infância ocorreram paralelamente aos avanços dos estudos da psicologia. A descoberta da primeira infância como objeto pedagógico³ ocorreu por condições múltiplas, como o desenvolvimento e a difusão dos conhecimentos da psicologia da criança e, a definição da infância como um período de aprendizagem.

³ Segundo CHAMBOREDON e PRÉVOT (1986), a descoberta da primeira infância como *objeto pedagógico* significa o entendimento de que é uma idade particular que ocupa uma determinada posição dentro do *cursus* escolar, portanto, uma idade especial que requer um programa pedagógico específico.

As crianças sempre existiram e tiveram suas infâncias construídas pela sociedade, podendo variar de acordo com o contexto histórico, diferentes culturas, comunidades e até mesmo no interior de uma mesma família. Essa construção pode ocorrer por intermédio das práticas sociais, através da Educação Infantil e da família.

Em relação à educação, a instituição de Educação Infantil se apresenta como responsável por parte dessa construção.

Todo processo de construção da educação ocorre nos diferentes espaços construídos pela instituição, os quais juntos consolidam uma só estrutura – **a escola**. A sala de aula, biblioteca, brinquedoteca, sala de vídeo, televisão e informática, sala de psicomotricidade, sala de artes, área externa, parquinho, entre outros, são espaços que auxiliam na construção da infância favorecendo o desenvolvimento da criança, através de um planejamento do professor. Dentro desses espaços físicos existem ambientes que podem auxiliar na aprendizagem das crianças pequenas se explorados adequadamente sendo, portanto, utilizado como recurso pedagógico que enriquece a prática docente.

2.1.1 Ambiente de Aprendizagem

Faz-se necessário neste momento diferenciar o termo espaço de ambiente por se tratar de temas novos tanto na educação como no âmbito da Educação Infantil.

O termo espaço, na sua concepção mais comum, significa: “extensão indefinida, meio sem limites que contém todas as extensões finitas. Parte dessa extensão que ocupa cada corpo”⁴. Já o termo ambiente, significa “que cerca uma pessoa ou coisa; meio em que se vive; ambiência [...]”⁵

Tais definições dá-nos uma idéia do espaço com algo **físico**, ligado aos objetos que são os elementos que ocupam o espaço, e do ambiente como algo que envolve esses espaços.

⁴ Dicionário Enciclopédico Larousse, vol. 8, p. 3874

⁵ LOTUF, Celso Pedro. Minidicionário Luft, 17ª edição, Editora Ática, 1999 p.59

De acordo com Battini (1982), citado por FORNEIRO (1998, p. 230), “estamos acostumados a considerar o espaço como um volume, uma caixa que poderíamos até encher”. No entanto, o mesmo autor classifica o espaço como um conjunto completo, sendo necessário entendê-lo como um espaço de vida, no qual a vida acontece e se desenvolve.

Essa concepção do espaço como caixa, descrita por BATTINI, (1982) citado por FORNEIRO, (1998 p.231), é uma compreensão dos adultos. No entanto, verifica-se que “para as crianças pequenas o espaço é aquilo que nós chamamos de espaço equipado, ou seja, espaço com tudo o que efetivamente o compõem: móveis, objetos, odores, cores, coisas duras e moles, coisas longas e curtas, coisas frias e quentes, etc”.

BATTINI (1982) citado por FORNEIRO (1998 p. 231), apresenta uma visão muito vitalista do espaço. Visão que se adapta bem à forma que as crianças têm de abordar o mesmo.

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar.

O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor...

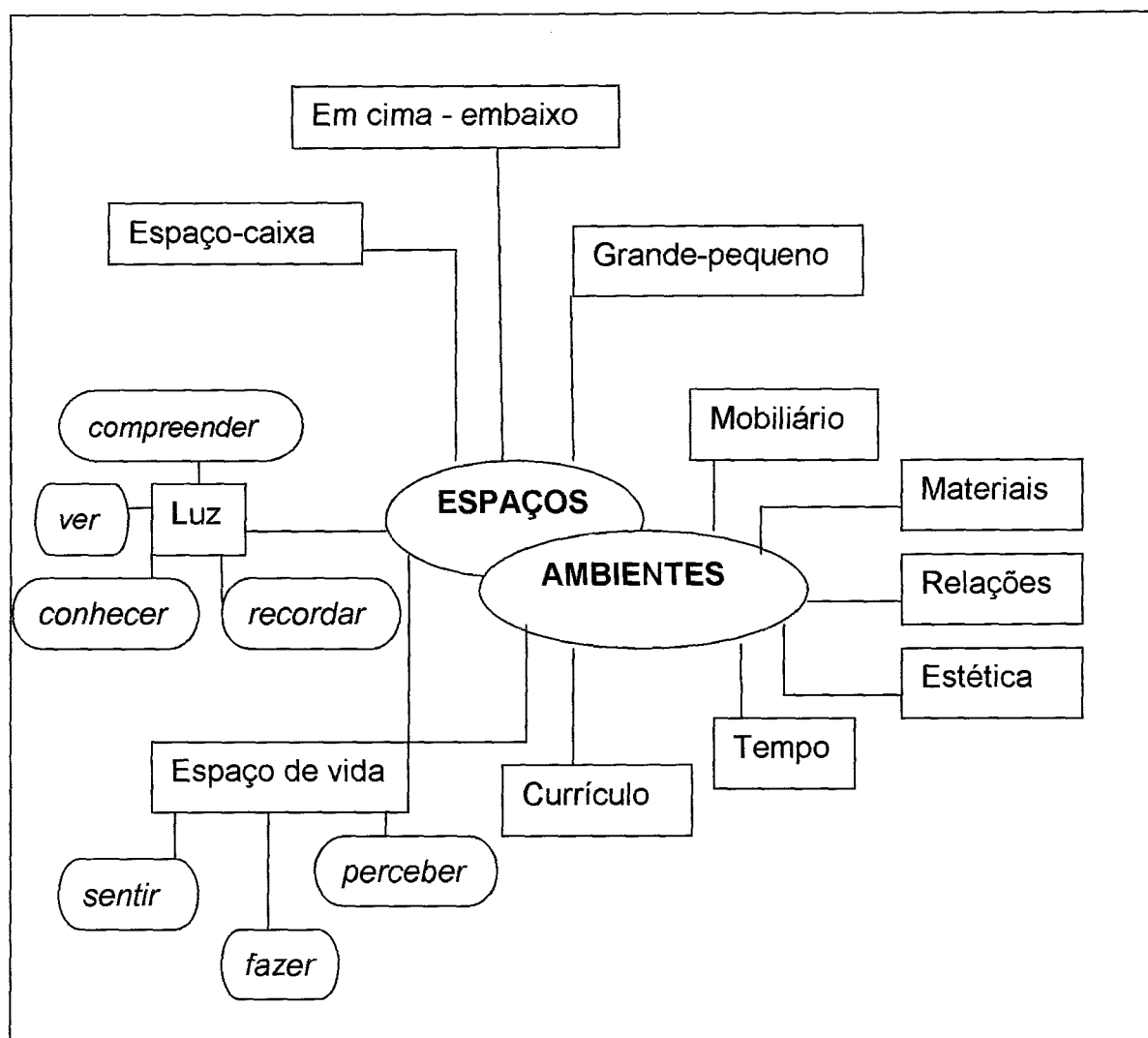
O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço

Como afirma POL e MORAES (1982), citado por FORNEIRO (1998 p. 235):

O espaço jamais é neutro. A sua estruturação, os elementos que o formam, comunicam ao indivíduo uma mensagem que pode ser coerente ou contraditória com o que o educador(a) quer fazer chegar à criança. O educador(a) não pode conformar-se com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve a sua tarefa, torná-lo seu, projetar-se, fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se.

Os termos espaço e ambiente, de acordo com FORNEIRO (1998), apesar de estarem intimamente relacionados, costumam ser utilizados de maneira equivalente no momento de fazer referência ao espaço das salas de aula. A autora estabelece diferenças entre estes termos, que podem ser visualizados de maneira esquemática na Figura - 1.

FIGURA 1 - ELEMENTOS ASSOCIADOS AO CONCEITO DE ESPAÇO E AMBIENTE



FONTE: FORNEIRO (1998, p. 232)

O termo espaço de acordo com FORNEIRO (1998, p. 232- 233):

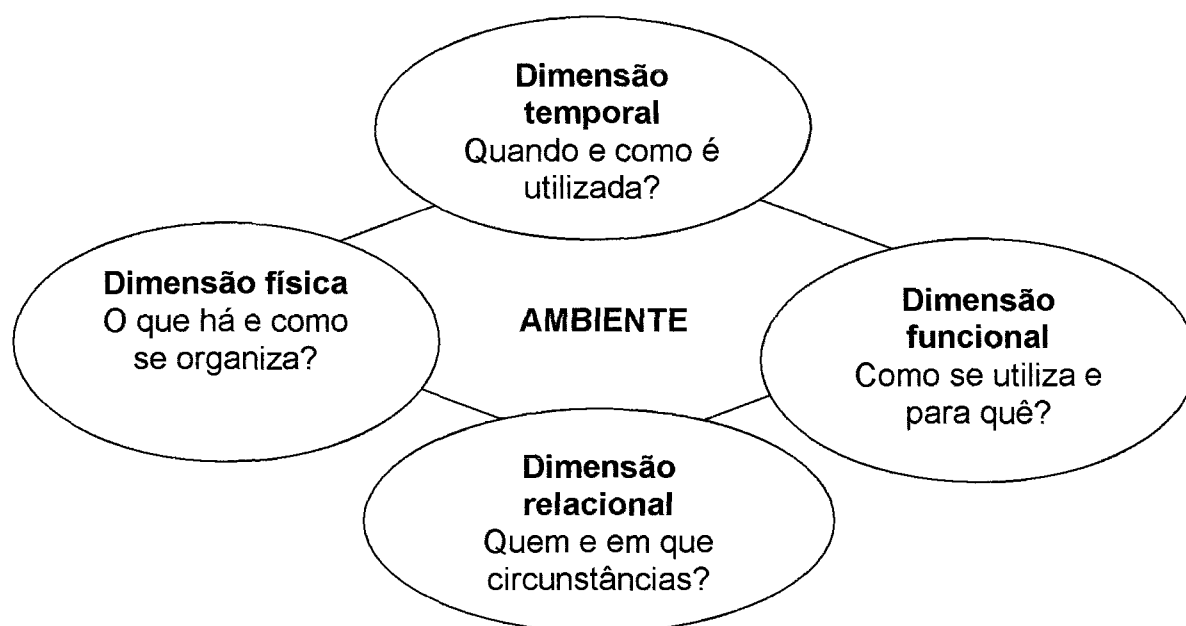
“refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração.” Enquanto que o termo ambiente, “refere-se ao conjunto de espaços físicos e às relações que se estabelecem no mesmo (os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre as crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto).”

A autora faz referência a outras definições sobre ambiente:

O termo ambiente é procedente do latim e faz referência “ao que cerca ou envolve”. Também pode ter a acepção de “circunstâncias que cercam as pessoas ou as coisas”. De um modo mais amplo, poderíamos definir o ambiente como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. Por isso, dizemos que o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes.

Do ponto de vista escolar, FORNEIRO (1998), entende o ambiente como uma estrutura com quatro dimensões (física, funcional, temporal e relacional) claramente definidas, mas inter-relacionadas entre si conforme nos mostra a Figura - 2.

FIGURA 2 - DIMENSÕES DO AMBIENTE ESCOLAR.



FONTE: FORNEIRO (1998, p. 234)

FORNEIRO (1998, p. 233-235) relata sobre as dimensões caracterizando-as:

- Dimensão *física*: “Refere-se ao aspecto material do ambiente. É o espaço físico (a escola, a sala de aula e os espaços anexos) e suas condições estruturais (dimensões, tipo de piso, janelas, etc). Também compreende os objetos do espaço (materiais, mobiliário, elementos decorativos, etc) e a sua organização (diferentes formas de distribuição do mobiliário e dos materiais dentro do espaço)”.

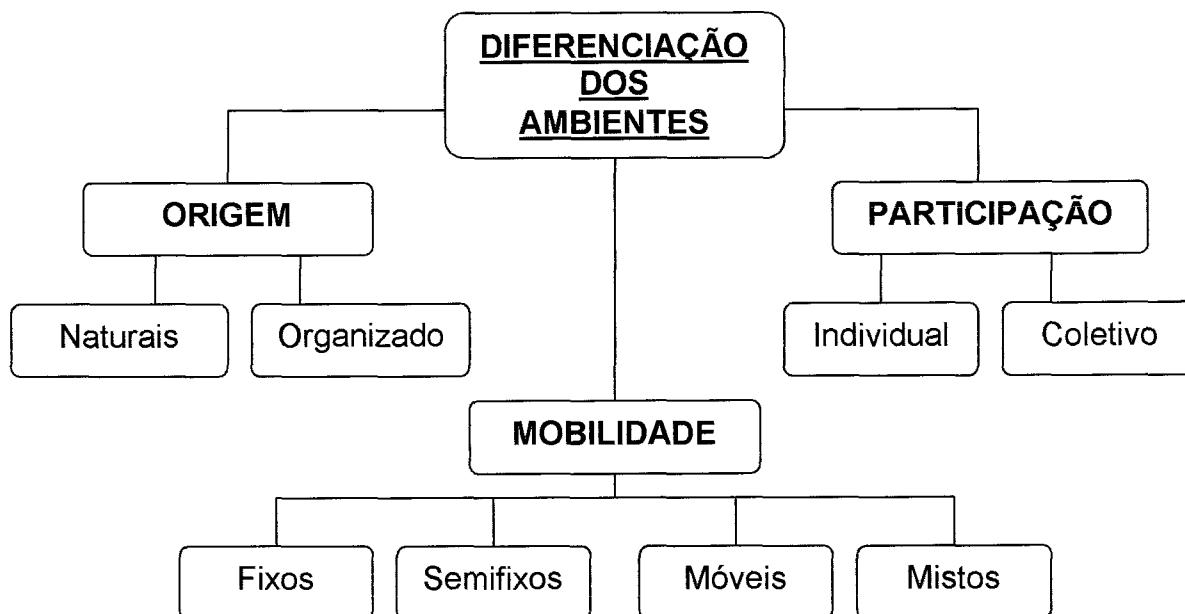
- Dimensão *funcional*: “Relaciona-se com a forma de utilização dos espaços, a sua polivalência e o tipo de atividade à qual se destinam. Quanto ao modo de utilização, os espaços e materiais da sala de aula podem ser usados autonomamente pela criança e também com a orientação do professor (a).” “Dependendo do tipo de atividade que as crianças possam realizar em um determinado espaço físico, ele adquire uma ou outra dimensão funcional.”
- Dimensão *temporal*: “Refere-se à organização do tempo e, portanto, aos momentos em que serão utilizados os diferentes espaços. O tempo das diferentes atividades está necessariamente ligado ao espaço onde se realiza cada uma delas”.
- Dimensão *relacional*: “Refere-se às diferentes relações que se estabelecem dentro da sala de aula. Tais relações têm a ver com aspectos como os diferentes modos de ter acesso aos espaços (livremente ou por ordem da professora), as normas e o modo como se estabelecem (impostas pelo professor ou pelo consenso do grupo), os diferentes agrupamentos para a realização das atividades (grande grupo, pequeno grupo,), a participação do professor nos diferentes espaços e nas atividades que as crianças realizam (sugere, estimula, dirige, impõe, observa, não participa...)”.

Todos estes elementos, que compõem o ambiente, reunidos nessas quatro dimensões podem existir independentemente, cada um por si, mas, somente com a inter-relação de todos eles é que será considerado como ambiente.

Um ambiente, para ÁNGEL (1995, p. 59), “deve convidar, quem observa a realizar uma atividade, por si só para ser utilizado tentando atrair a atenção, remover curiosidades, criar interesse, estimular a participação”. Ressalta que, se um ambiente chamar mais a atenção que os outros por ser mais atrativo, este será alvo da maior parte do grupo, produzindo assim aglomerações ou pequenos conflitos.

De acordo com ÁNGEL (1995, p. 61), os ambientes podem ser diferenciados quanto a sua origem, mobilidade, participação (Figura 3).

FIGURA 3 - DIFERENCIAÇÃO DOS AMBIENTES



FONTE: ÁNGEL, 1995

- Em relação à *origem*: são caracterizados em: ambientes naturais e ambientes organizados. Os elementos que estão sempre presentes e estimulando determinadas atividades motoras, como árvores, areia, pedras, escadas, entre outros, fazem parte dos ambientes naturais. Já os ambientes organizados, são construídos a partir de uma série de materiais organizados cujo objetivo é provocar de forma direta determinadas ações.
- Já em função de sua *mobilidade*, a autora caracteriza-os em ambientes fixos, semifixos, móveis mistos. Fixos: não saem do lugar, porque estão acoplados ao solo. Semifixos: são construídos com elementos difíceis de mover, por seu peso ou por sua fixação. Móveis: podem trocar de lugar e serem manipulados sem problema. Mistos: são os que estão formados pela combinação de materiais fixo, semifixos e móveis.
- Em função da *participação*: podemos diferenciar em ambientes individuais e ambientes socializantes. Os individuais: as crianças podem participar separadamente sem necessidade dos demais para desenvolver a atividade. Ambientes socializantes: podem participar várias pessoas de uma vez, propiciando a colaboração, a cooperação e ajuda para resolver a atividade.

Os ambientes organizados podem ser fixos, semifixo, móveis ou mistos, entretanto os ambientes naturais são fundamentalmente fixos e semifixos.

Para HORN (2004, p. 28) “É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções. Essa qualificação do espaço físico é que o transforma em um ambiente”. A autora ressalta que um ambiente sem estímulos, no qual as crianças não possam interagir desde tenra idade umas com as outras, com os adultos e com objetos e materiais diversos, esse processo de desenvolvimento não ocorrerá em sua plenitude. Argumenta que o modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica.

O ambiente de aprendizagem de movimento deve proporcionar a criança todas as oportunidades de desenvolver-se no aspecto motor, psicológico, social, entre outros.

Na Educação Física, ÁNGEL (1995), denomina os ambientes de aprendizagem como um espaço transformado, o qual tem por objetivo convidar a ser utilizado para um fim concreto. Deve-se eleger e combinar os materiais apropriados para cada atividade e organizá-los adequadamente para que convidem por si só a serem utilizados.

Essa denominação de ambiente de aprendizagem proposta pela autora, pode ser observada na imagem do *parquinho*. Este por fazer parte da estrutura da maioria das instituições de Educação Infantil, serve como um paliativo para que a criança exerça o seu direito de brincar num ambiente diferente da casa na qual passa grande parte do seu tempo.

Atualmente, os espaços destinados às crianças para brincar, vem sendo reduzidos e até mesmo extintos, se comparados aos utilizados pelos nossos pais durante sua infância. Observa-se que nas últimas décadas o número de construções – prédios, lojas - vem crescendo a cada dia tomando conta do que antes era área verde.

PINA citado por MIRANDA (2001, p. 26), relata que o contexto urbano atual, deixa cada vez menos espaços para o direito de brincar das crianças, para que possam desfrutar do simples prazer de se divertir, o que deveria ser um privilégio da idade infantil.

Tivemos a eliminação dos espaços lúdicos tradicionais – como o quintal das casas, as próprias casas e as ruas - vimos surgir em contrapartida, os grandes parques urbanos e metropolitanos, os centros recreativos municipais, os playgrounds, os parques infantis e os jardins públicos, a infra-estrutura de lazer gradativamente incorporada aos equipamentos escolares e aos grandes conjuntos habitacionais financiados pelo poder público.

Além dessa privação relacionada à diminuição dos ambientes destinados ao brincar da criança, ela vem sofrendo outros tipos de privações.

No decorrer do estudo, Pina citado por MIRANDA, (2001, p.26) descreve sobre as privações sofridas pelas crianças: socioeconômica, social e afetiva, do espaço físico, do tempo livre e da natureza.

- Privação socioeconômica: a fome, as doenças e a mortalidade infantil, o abandono familiar, a evasão escolar, as drogas;
- A privação social e afetiva: da família reduzida em que não há avós, tios, primos e em que os irmãos são poucos, um ou dois, e na qual tanto o pai quanto a mãe trabalham fora e mal vêem os filhos durante o dia; privação que decorre também do cada vez mais reduzido número de amigos, com os quais as relações são fragmentárias e pouco extensas no tempo, pelas dificuldades de contato em decorrência da distancia e das poucas oportunidades para fazer novas relações.
- A privação do espaço físico: com a perda do quintal e da rua como espaço lúdico espontâneo e informais, a redução do espaço da casa e a ditadura da ordem doméstica, que começa no pai e na mãe e termina muitas vezes no zelador ou no porteiro do prédio.
- A privação do tempo livre: para brincar, em parte tomado necessariamente pela escola e pelas tarefas escolares, em parte pelas tarefas domésticas, e na classe média, tomado em muito pelos projetos de formação complementar da criança: aprender música ou dança, aprender uma língua estrangeira
- A privação da natureza: por inexistência, distância, precariedade ou violência urbana, o pouco acesso da criança a parques e jardins onde possa ter contato com os elementos naturais – água, terra, céu, plantas, aves e animais -, empobrecendo sua formação e impedindo-a de uma relação extremamente prazerosa.

Além desse quadro de carências múltiplas, a dependência e a falta de autonomia da criança em relação ao seu tempo livre, são pontos importantes. Seja pela distância, seja pelos riscos, a criança ressentir-se da falta de autonomia para

buscar ambientes lúdicos fora de casa, ficando na dependência de um adulto – pai, irmão maior, mãe ou alguém conhecido da família – para que possa deslocar-se.

Já em relação à falta de autonomia no uso do seu tempo *livre*, observa-se que os adultos costumam administrar esse tempo, regulando-o segundo suas próprias disponibilidades e seus próprios interesses, o mesmo ocorrendo quanto às escolhas do que fazer.

Uma proposta de ambiente e equipamentos lúdicos para a criança deve ter presente essas preocupações e necessidades, mesmo sabendo-se que será muito difícil dar respostas satisfatórias a todas elas. O ambiente deve agir sobre as suas privações socioeconômicas, afetivas, físicas, de natureza, do tempo livre e, ao mesmo tempo, tentar atenuar seu caráter de dependência e falta de autonomia.

Os novos ambientes com seus espaços lúdicos necessitam assumir um ar provocativo, devem ser capazes de instigar a curiosidade e suscitar desafios na criança, para que possam atenuar suas privações e auxiliar na independência e na autonomia das mesmas.

Esses espaços, portanto, podem ser considerados alicerces para a solução de algumas dessas privações e deficiências que possam vir a ocorrer na infância.

Neste estudo trataremos especificamente dos parquinhos existentes nas escolas de Educação Infantil. Por se tratar de um ambiente rico em materiais e espaços, podem ser utilizados com um recurso a ser explorado pelo professor auxiliando na aprendizagem da criança pequena, diversificando ainda a prática docente.

2.1.1.1 O parquinho

O termo **parque** possui diferentes concepções e aparece em contextos variados. De acordo com o dicionário⁶ é um “jardim extenso e delimitado, especialmente público”.

Num primeiro momento esse termo refere-se aos grandes parques existentes nas cidades que se caracterizam por apresentarem em sua estrutura uma

⁶ LOTUF, Celso Pedro. Minidicionário Luft, 17ª edição, Editora Ática, 1999 p.504

área verde (por exemplo, uma reserva de mata nativa), bancos para sentar, pista para corrida e caminhada, ciclovia e lago em alguns, entre outros. Essa terminologia também é utilizada para denominar um dos espaços existentes nas praças públicas, que além de terem os bancos para sentar, normalmente possuem um parque destinado às brincadeiras de criança, o qual dispõe de estruturas como: caixa com areia, pedras, balanço, escorregador, gangorra, etc.

Já o parque de diversão remete diretamente aos aglomerados de máquinas e brinquedos como roda gigante, montanha russa, carrossel, etc, montados temporariamente, ou fixo, em determinado espaço, tendo como público alvo os adultos, jovens e crianças. Existem ainda os parques temáticos que também são destinados às crianças, mas que normalmente fazem parte de um espaço anexo ao ambiente, como: dentro de um restaurante, de um shopping ou casa para realizar festas de criança.

Em relação aos parques infantis, FARIA (1993) de acordo com os estudos de VIEIRA (2004), relata que os primeiros foram criados no Brasil na cidade de São Paulo, durante o transcorrer da década de 1930. Durante os “anos de 1920 e 1930, os vários segmentos da classe operária oscilavam entre a reivindicação de condições específicas para o trabalho das crianças e a sua completa proibição, exigindo as instituições de educação.”

VIEIRA, (2004 p. 119) relata que:

Os Parques Infantis da cidade de São Paulo foram criados também durante a administração do prefeito Fábio Prado, que organizou, em 9 de janeiro de 1935, o Serviço Municipal de Jogos e de Recreio, posteriormente Seção de Parques Infantis do Departamento de Cultura e de Recreação. O Ato 861, capítulo I, art. 41, estabeleceu que: A seção dos parques infantis [...] tem por fim localizar, organizar e instalar os parques de jogos infantis e orientar todos os serviços relativos à construção, ao aparelhamento de parques desse gênero, ao desenvolvimento e à prática de brinquedos e diversões. Parágrafo único - O serviço de Parques Infantis estudará e organizará um plano de conjunto, de construção de parques infantis e localização de zonas destinadas exclusivamente a este fim, nos parques e praças públicas, aproveitando os trabalhos já existentes.

Experiência pioneira na organização da Educação Infantil pública, os Parques Infantis foram instalados nos bairros operários e industriais da cidade de São Paulo, visando ao atendimento dos filhos das famílias operárias paulistanas. Cabia à parte técnica da Seção de Parques Infantis realizar recenseamentos demográficos

urbanos, apontar os locais mais indicados para a construção dos Parques Infantis e organizar as instalações e serviços internos considerados adequados à população.

Os prédios consistiam em pequenas edificações localizadas em grandes espaços abertos e possuíam as seguintes instalações: campo gramado, aparelhos para ginástica, piscina, tanque de areia, pátio fechado para as refeições e uma ou duas salas de atividades didáticas.

ABDANUR (1994, p.268) relata que:

Cada parque possui, no mínimo, um campo gramado, um abrigo-mor, com salas de instrutores, sala de médico, chuveiros, instalações sanitárias, além de dois galpões laterais ao abrigo. Várias espécies de aparelhos tais como balanços, gangorras, passos gigantes, carrocéis, deslizadores, toros de equilíbrio e outros estão distribuídos pelo campo, além de um tanque de vadiar e taboleiros de areia.

A dinâmica dos parques infantis evidenciava um grande interesse em relação à educação extra-escolar: não eram escola nem pré-escola, como aquelas já existentes; tratava-se de um projeto pedagógico destinado às crianças em idade pré-escolar e, posteriormente, a adolescentes entre 12 a 15 anos (FARIA, 1993, p. 81).

Os idealizadores do projeto atribuíram aos parques infantis tríplice finalidade: assistir, educar e recrear, mediante organização própria e em acordo com as necessidades imediatas dos seus freqüentadores. Desde o início do funcionamento dos parques infantis, percebeu-se que uma das necessidades mais imediata da criança era “ser assistida”. Em decorrência, a assistência foi organizada em três seções: médica, dentária e alimentar. Apesar das aparentes características assistencialistas e possível caráter disciplinador, os Parques Infantis podem ser interpretados como um projeto educacional alternativo, que pretendia garantir o **direito à infância** e o **direito de brincar** para as crianças filhas de famílias operárias.

As atividades dos parques infantis não seguiam uma rotina diária, uma vez que não constava dos objetivos dos Parques Infantis funcionar como uma escola com tarefas diárias obrigatórias. Os instrutores e professores de Educação Física chegavam a cuidar de aproximadamente 400 crianças, e as atividades diárias envolviam saúde e higiene, Educação Física e jogos, atividades culturais e atividades manuais.

PEREIRA, LARANJEIRO e MALTA, (2000), afirmam que todos e quaisquer espaços de jogo e recreio que visem à atividade lúdica e a diversão e que não sejam considerados desporto fazem parte da categoria dos espaços lúdicos. Especificam e descrevem ainda os tipos de parques: infantis, de diversão, aquáticos e salões de jogos:

- Parques infantis: o decreto-lei nº 379/97 de 27 de Dezembro define “espaços de jogo e recreio” como: “área destinada a actividade lúdica das crianças, delimitada física ou funcionalmente, em que a actividade motora assume especial relevância”. Os parques infantis objecto deste estudo são os que estão abertos à comunidade, incluímos alguns em escolas ou jardins de infância sempre que estejam abertos fora do período letivo. Há ainda parques infantis nos centros comerciais e restaurantes funcionando como serviço de apoio e, uma mais valia do serviço que prestam. Existe também um conjunto de parque infantil particulares que oferecem espaços que privilegiam a actividade lúdica com especial relevância para o desenvolvimento motor.
- Parques de diversão: “todos os aglomerados de diversões como carrosséis, carrinhos de choque, máquinas de jogos, montanha russa, etc., que podemos observar com um carácter fixo ou temporário para todas as idades ou só para as crianças.”
- Parques aquáticos: recintos com diversões aquáticas. Possuem legislação própria: decreto-lei nº 65/97 de 31 de Março.
- Salões de jogos: salas preparadas com máquinas de jogos, bilhares, etc., muitas vezes anexas a cafés.

Com relação a esse estudo sobre os espaços lúdicos para a infância, somente os espaços lúdicos em contexto escolar, que ficam abertos para a comunidade local recebem a denominação de parques. Quando falamos em parque, referimo-nos inicialmente aos grandes parques destinados ao lazer e a recreação da população em geral conforme as orientações de PEREIRA, LARANJEIRO e MALTA (2000). Já o termo parquinho remete-nos a um ambiente encontrado no interior de instituições designadas a criança pequena.

Os espaços de parquinhos sempre existiram nas instituições de Educação Infantil, mas suas funções e objetivos têm conotações diferentes em função da evolução das propostas pedagógicas e do lugar que a brincadeira ocupa no

desenvolvimento da criança. Durante muito tempo, a brincadeira no parquinho esteve associada à necessidade de a criança extravasar energias contidas na sala de aula ou descansar do trabalho pedagógico. Hoje, sabemos quantos conhecimentos, atitudes e habilidades a criança é capaz de aprender. Portanto deve-se construir ambientes lúdicos adequados às necessidades e interesses da criança.

O parquinho deve ser montado para que seja explorado de acordo com o tamanho do usuário sendo estimulante, envolvente e proporcionando motivação espontânea. Ao planejá-lo deve-se levar em conta a atração natural da criança em brincar com o perigo, testando seus próprios limites e explorando o ambiente conforme seu interesse e necessidade.

FILGUEIRAS e FREYBERGER (2001, p. 16), relatam que a possibilidade de “explorar espaços ricos por meio da percepção e da coordenação de movimentos permite que a criança desenvolva noções de profundidade, formas, direções e planos, importantes no processo de estruturação do espaço e construção de habilidades motoras”.

O parquinho pode aumentar e favorecer as capacidades e determinados conteúdos. É um ambiente em que os meninos e meninas têm contato com a natureza e com os elementos do meio físico e natural a cada dia. Ambiente no qual se aprende a relacionar-se com crianças e outros grupos, a conviver e a defender-se das invasões ou das agressões que possam vir a surgir.

Em um parquinho organizado podemos encontrar conforme orienta BASSEDAS, HUGUET e SOLÉ (1999) o cantinho da areia, o da casinha, jogos motores exteriores (balanços, escorregadores, rampas e construções diversas).

Essas construções organizadas e os trabalhos que serão desenvolvidos nesse ambiente devem ser pensadas pelos adultos. CARDONA (1999) relata que o trabalho do jardim de infância tem que ser pensado de forma a respeitar as características individuais de cada criança, o que só é possível se lhes for possibilitada uma participação ativa, na organização e no desenvolvimento das diferentes atividades desenvolvidas. E para existir uma participação ativa das crianças, é fundamental a existência de uma estruturação espaço-temporal bem definida e explícita, que lhes permita um funcionamento autônomo, dentro dos ambientes propostos para desenvolverem as atividades.

2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os movimentos estão presentes em todas as atividades humanas: no cotidiano, no trabalho, no lazer e no desporto. O movimento é a essência da infância, como Wickstrom (1977, p. 12) citado por TANI (1988), enfatiza: “onde existe vida, existe movimento e onde existem crianças, existe movimento quase perpétuo”. É através dos movimentos que o ser humano age sobre o meio-ambiente para alcançar objetivos desejados ou satisfazer suas necessidades.

A criança na primeira idade escolar, segundo o modelo de desenvolvimento motor de Gallahue citado por TANI (1988), está na fase de movimento fundamental que é a fase onde a criança deve experimentar as mais variadas atividades físicas (movimentos diversificados), que irão refletir em sua vida futura com relação ao seu acervo motor.

Ao descrever o processo do desenvolvimento infantil, Wallon citado por GARANHANI (2004, p. 23), ressalta que “a criança já no início do seu desenvolvimento estabelece uma relação de comunicação com o meio, através da seleção de movimentos do corpo que garantem a sua aproximação do outro e a satisfação de suas necessidades”.

Enquanto parte integrante da proposta pedagógica das escolas e componente curricular da Educação Básica, a Educação Física passou a ser considerada área de conhecimento. De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Lei nº 10.793, de 1º 12.2003 Art. 26 § 3º “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno”.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no Brasil (BRASIL, 1998), tem como objetivos gerais à formação pessoal e social por meio do desenvolvimento dos eixos: identidade e autonomia e favorecer o conhecimento de mundo através das linguagens: movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática. O documento não faz referência à área de conhecimento Educação Física, mas contempla a expressão **movimento**. Nesse documento o trabalho pedagógico movimento é dividido em dois blocos: capacidades expressivas (expressividade) e capacidades instrumentais (equilíbrio e coordenação).

De acordo com GARANHANI (2004, p. 7):

Alguns documentos que apresentam orientações curriculares para a Educação Infantil (Faria, 1995 e PORTUGAL/ME/GEDEPE, 1997) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil do Brasil (BRASIL/MEC/SEF, 1998-a) destacam, também, a necessidade de um trabalho pedagógico do movimento corporal infantil.

A justificativa é que a exploração de diversas formas de utilizar e de sentir o corpo proporciona à criança o conhecimento de suas características e possibilidades de aprendizagem, como também o reconhecimento de seus limites e de suas formas de expressão, aspectos importantes na construção da identidade e da autonomia infantil.

Para Wallon (1979) citado por GARANHANI (2004, p. 8),

“...a instituição da Educação Infantil parece ser perfeitamente adequada à preparação dessa emancipação, pois proporciona a inserção da criança numa pequena coletividade de crianças, ou seja, um grupo de iguais e, por meio de interações sociais, a auxilia na construção de sua personalidade. Portanto, o grupo é indispensável à criança não só para a sua aprendizagem social, mas para o desenvolvimento da sua personalidade e para a consciência que pode tomar dela. (...) O grupo é o veículo ou o iniciador de práticas sociais.

A instituição de Educação Infantil para GARANHANI (2004, p. 9) “é o meio em que a criança pequena extrai, experimenta, ajusta e constrói movimentos corporais provenientes da inserção e interação num grupo diferente do seu meio familiar.” Assim, a escola pode ser vista como um meio privilegiado para a criança desenvolver sua autonomia corporal e vivenciar diversos modelos de movimentos corporais. Através de ações sistematizadas e intencionais, a Educação Infantil poderá então proporcionar à criança pequena o conhecimento e domínio de sua movimentação corporal, conseqüentemente, mobilizar e aprimorar a sua expressão e comunicação.

A movimentação corporal da criança na prática pedagógica da Educação Infantil poderá, segundo GARANHANI (2004, p. 27) ser norteadas por três eixos:

1. Autonomia e identidade corporal – implica aprendizagens que envolvem o corpo em movimento para o desenvolvimento físico-motor, proporcionando assim o domínio e a consciência do corpo, condições necessárias para a autonomia e formação da identidade corporal infantil.
2. Socialização – sugere a compreensão dos movimentos do corpo como uma forma de linguagem, utilizada na e pela interação com o meio social.
3. Ampliação do conhecimento das práticas corporais infantis – envolve a aprendizagem das práticas de movimentos corporais que constituem a cultura infantil, na qual a criança se encontra inserida.

Silva citado por CARDONA (1999, p. 139), relata que na ausência de uma definição prévia de conteúdos programáticos, e também devido às características das crianças que se encontram nesta fase etária, é privilegiado como ponto de partida da aprendizagem “a ação da criança sobre determinados recursos materiais (que estão organizados de forma a constituírem um ambiente educativo estimulante para o seu desenvolvimento)”.

A criança deve ter consciência do seu corpo para que seja autônoma. Essa consciência está ligada a conhecer seu corpo, dominá-lo e expressar-se através dele. O desenvolvimento do esquema corporal para uma consciência do seu corpo faz-se por intermédio do desenvolvimento das capacidades físicas e perceptivo-motoras, desenvolvidas através das habilidades de movimentar-se.

As capacidades físicas como: força, velocidade, coordenação, ritmo, flexibilidade, equilíbrio, agilidade, resistência, relaxamento serão desenvolvidas através do ensino de movimentos que poderão ser vivenciadas, por exemplo, na participação de um jogo. Tais capacidades poderão ser trabalhadas através das habilidades motoras sendo desenvolvidas por meio dos movimentos de locomoção (andar, correr, rolar, saltar, etc), movimentos de equilíbrio (apoiar, empurrar, girar, etc), movimentos de manipulação (lançar, chutar, pegar, etc).

Segundo as teorias da Psicologia do desenvolvimento, citado por CARDONA (1999, p. 134): “a criança aprende sobretudo através da acção/ experimentação, sendo fundamental o proporcionar-lhe um ambiente rico e estimulante, sendo também sublinhada a importância de existir uma organização espaço-temporal bem definida, que permita à criança situar-se e funcionar autonomamente.”

O papel do adulto, citado por HORN (2004), no caso da criança em idade pré-escolar, é o de parceiro mais experiente que promove, organiza e provê situações em que as interações entre as crianças e o meio sejam provedoras de desenvolvimento.

Garcia, citado por MIRANDA (2001), leva em conta os estímulos relacionados aos deslocamentos corporais, ao uso do corpo em contato com materiais diversos, às alternativas do subir, escorregar, descer, debruçar-se, abaixar-se, contorcer-se e erguer-se.

A Educação Física deverá ser trabalhada com o intuito de contribuir na construção da autonomia do indivíduo, fazendo com que este tenha consciência do

seu corpo, corpo possível e em movimento, possibilitando a construção de condutas e habilidades motoras, superando as atividades espontaneístas, permitindo-lhes expressar-se em qualquer dimensão e oportunizando à criança manifestar idéias, sentimentos através de sua linguagem corporal, oferecendo-lhe a oportunidade de desenvolver suas potencialidades.

Não podemos ver o movimento realizado pela criança como simples fazer padronizado culturalmente, estereotipado e mecânico.

A Educação Física na Educação Infantil deve proporcionar às crianças situações nas quais elas possam criar, inventar, descobrir movimentos novos, reelaborar conceitos e idéias sobre o movimento corporal. Além disso, as situações de experiências permitem que os alunos descubram os próprios limites, enfrentem desafios, conheçam e valorizem o próprio corpo, relacione-se com outras pessoas, percebam a origem do movimento, expressem sentimentos utilizando a linguagem corporal, localizem-se no espaço, entre outras situações voltadas ao desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e afetivas, numa atuação consciente e crítica. Dessa forma essa área do conhecimento poderá contribuir para efetivação de um programa de Educação Infantil, comprometido com o desenvolvimento de toda a personalidade da criança.

2.2.1 O Parquinho como Recurso Pedagógico da Educação Física na Educação Infantil

A Educação Física adquire um papel relevante à medida em que estrutura um ambiente adequado para a criança, oferecendo experiências variadas que resultem na promoção do seu desenvolvimento. Daí a necessidade de uma orientação adequada aos profissionais de Educação Física em relação aos conteúdos e/ ou atividades que devem ser trabalhadas nesta faixa etária para a aquisição de outras habilidades mais refinadas e que serão utilizadas no cotidiano do homem que, buscando a harmonia com o meio-ambiente, vivenciará oportunidades e experiências de aprendizagem, promovendo, desta maneira, o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

O professor de Educação Física segundo GARRANHANI (2004, p. 5) deve organizar as aulas com o objetivo de promover, o “desenvolvimento das diferentes linguagens utilizadas pela criança, ou seja, das diversas formas de expressão e comunicação que a criança pequena utiliza para se conhecer e se relacionar com o meio.”

GARRANHANI (2004), aponta que a exploração de diversas formas de utilizar e de sentir o corpo proporciona à criança o conhecimento de suas características e possibilidades de aprendizagem, como também o reconhecimento de seus limites e de suas formas de expressão, aspectos importantes na construção da identidade e da autonomia infantil.

O espaço na Educação Infantil, de acordo com HORN (2004, p. 37) não é “somente um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo, mas é, antes de tudo, um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa.”

Assim, os espaços lúdicos ao ar livre estão presentes na maioria das instituições de Educação Infantil, mas nem sempre fazem parte do projeto pedagógico. FILGUEIRAS e FREYBERGER (2001, p. 16), acreditam que refletir sobre o tempo dedicado às brincadeiras de parque, os materiais e equipamentos oferecidos, a formação dos grupos e as formas de interação das crianças com o ambiente, entre si e com os adultos, pode contribuir para que a utilização do espaço seja permeada de intencionalidade educativa.

Os objetos e a organização do espaço constituem, nessa idade, uma oportunidade ou ocasião de movimentação e exploração do corpo e, essa constatação, propicia estudos e discussões pedagógicas sobre o material educativo no processo do desenvolvimento da criança pequena, GARRANHANI (2004 p.24).

PINA citado por MIRANDA (2001 p. 43), diz que os espaços “devem permitir a livre expressão de todo o seu vocabulário físico-corporal: correr, agachar; esconder; escorregar; subir; pular; equilibrar; pendurar; descer; olhar; puxar; empurrar; tocar; virar; encostar.”

Ainda de acordo com PINA citado por MIRANDA (2001, p. 44), os espaços:

Devem também proporcionar sensações e emoções; vertigem; medo; segurança e insegurança; alegria. Devem incorporar elementos sensoriais; cores variadas; diferentes graus de luminosidade, texturas de materiais diversos, diferentes temperaturas. Utilizar materiais, em combinações muito bem equilibradas. Dar preferência sempre a componentes naturais- madeira, cordas etc. combiná-los com outros tipos de materiais: cimento, fibra, pneus, metal.

Um espaço em que os objetos e as instalações – os brinquedos -, já de início, suscitam na criança um forte interesse em serem tocados, manipulados, escalados, percorridos etc., ou seja, um espaço em que a criança é convidada a jogar, a participar de um jogo de relação.

O espaço **parquinho**, além de suprir ao menos em parte algumas das privações sofridas pelas crianças, deve também dar conta das necessidades de fabulação, do imaginário e da experiência sensorial das crianças. Um espaço de tal interatividade vai potencializar as possibilidades da aventura (surpresas, imprevistos, obstáculos etc.); do mistério (charadas, enigmas e climas); da vertigem (saltos, quedas); da curiosidade (descoberta e desvendamento); das oportunidades de expressão única (o ritmo, os movimentos) e de expressão sensível (a música, a narrativa, a fábula). Ao mesmo tempo, vai proporcionar a alternância entre situações calmas e movimentadas, entre iniciativas individuais e coletivas, bem como contendo em si mesmo tanto elementos de natureza (plantas, animais, água, terra) quanto elementos artificiais.

Os ambientes pedagógicos necessitam proporcionar situações ricas, nas quais as crianças possam inventar, interagir, criar ou recriar coisas inovadoras e desafiadoras, através da resolução de conflitos sempre atentos a autonomia intelectual, social, afetiva e motora das mesmas. Portanto, a Educação Física poderá propor atividades que contemple essas situações.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com apoio na revisão de estudos sobre os ambientes de aprendizagem na Educação Infantil, iniciou-se a investigação de **como** o ambiente parquinho é utilizado durante a prática pedagógica de professores de Educação Física.

Para a pesquisa foram selecionadas três instituições de Educação Infantil da cidade de Curitiba, que trabalham com a disciplina Educação Física nas turmas de jardim II e possuem um parquinho em sua estrutura física e pedagógica. As mesmas foram selecionadas por já obtermos um certo conhecimento da estrutura e funcionamento devido à realização de observações e trabalhos acadêmicos realizados anteriormente.

Inicialmente, realizamos visitas às instituições de educação infantil para contatos e apresentações dos objetivos da pesquisa. Nestas fez-se à entrega da carta de apresentação para a coordenadora pedagógica e exposição sobre o estudo em andamento, colocando-se à disposição para dúvidas e esclarecimentos. Posteriormente, fez-se uma visita aos espaços oferecidos pela escola dando ênfase ao local para a investigação – **o parquinho**. Na seqüência foram agendadas visitas para a pesquisa.

As instituições investigadas foram denominadas, no estudo, por números – Escola 1, Escola 2 e Escola 3 para preservar a identificação das mesmas.

Na seqüência, foi verificado se os professores de Educação Física utilizavam o parquinho nas suas práticas, por meio de uma entrevista. A entrevista utilizada foi de característica semi-estruturada e abordou as seguintes questões: se eles utilizam o parquinho durante suas práticas pedagógicas, em qual momento e como o utilizam (forma, organização, etc.). Esta entrevista ocorreu como procedimento para a seleção e organização dos momentos de observação. Então, iniciou-se a observação das aulas previamente agendadas, para verificar **como** os professores de Educação Física utilizam este ambiente em suas praticas pedagógicas.

O instrumento utilizado para a coleta de informações foi à observação, sendo a mesma a mais descritiva possível e desconfigurado de qualquer juízo de valor como propõe TRIVINÓS e MOLINA (1999). Outro estudo utilizado como suporte teórico para os procedimentos metodológicos: LUDKE e ANDRÉ (1986).

A observação do parquinho foi orientada por alguns temas norteadores que se apresentam no Quadro I.

QUADRO I: TEMAS NORTEADORES

Temas Norteadores	Escola 1	Escola 2	Escola 3
Organização			
Materiais			
Interação (aluno-ambiente, professor-aluno; social),			
Estética			
Transformação			
Diversidade			
Concentração			
Motivação			
Autonomia			
Estruturação			
Delimitação			
Polivalência			
Aquisição de múltiplas habilidades motoras			
Segurança			

Estes temas foram selecionados seguindo o *modelo* do estudo realizado por ZABALZA (1998), citado por FORNEIRO (1998), o qual propõe critérios de organização dos espaços da sala de aula. O estudo de WALSH e GARDNER (2005) sobre "Evaluaciones de la calidade de ambientes para los primeros años de

aprendizaje”⁷, também serviram de base para a seleção de temas norteadores. Nesse estudo, tais temas foram selecionados e adaptados para observar o ambiente externo – *parquinho*.

A utilização do quadro I nas observações foi norteadora pelas indagações presentes no quadro II.

QUADRO II – TEMAS E PERGUNTAS NORTEADORAS

Temas Norteadores	Perguntas norteadoras
Organização	O ambiente é formado por diferentes espaços organizados?
Materiais	Utilizam materiais durante a prática que não faziam parte do ambiente?
Interação (aluno-ambiente, professor-aluno; social)	Existe interação aluno-aluno, professor-aluno, aluno-ambiente, entre outros?
Estética	São coloridas? Originais e criativas? São personalizadas? Incluem réplicas de obra de arte?
Transformação	Possuem algum indício de mudança no ambiente?
Diversidade	a) diversidade quanto à estruturação b) diversidade de agrupamentos c) diversidade quanto à posição corporal
Concentração	As crianças concentram-se para realizar a atividade e escutar o professor?
Motivação	Os alunos encontram-se motivados? Demonstram interesse?
Autonomia	Favorece o desenvolvimento autônomo?
Estruturação	É feita por áreas?
Delimitação	Forte ou fraca? Uma delimitação forte se caracteriza quando os elementos empregados são fixos ou por serem difíceis de serem transportados. Já a delimitação fraca permite a sua fácil movimentação.
Polivalência	Oferecem várias possibilidades de utilização nos diferentes momentos?
Aquisição de múltiplas habilidades motoras	Desenvolvem diferentes habilidades?
Segurança	O ambiente apresenta algum material ou espaço perigoso?

Tais indagações serviram de base para que a observação fosse direcionada.

⁷ Tradução: Avaliação da qualidade dos ambientes para os primeiros anos de aprendizagem.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A apresentação dos dados obtidos, durante as aulas de Educação Física das instituições visitadas, fez-se por meio de três eixos: caracterização da instituição, o parquinho e a aula de Educação Física. Posteriormente, fez-se a análise das três escolas à qual será apresentada por meio de um quadro de sentido analítico e comparativo (Quadro III, p. 38).

4.1 ESCOLA 1

4.1.1 Caracterização da Instituição

A Escola 1 trata-se de uma instituição particular que atende crianças do maternal, pré-escola e ensino fundamental. O professor de educação física dessa escola é formado em Licenciatura e possui pós-graduação em Educação Infantil. A instituição possui um trabalho voltado para formação de um ser humano seguro, íntegro e feliz através de propostas e compromissos, que visam desenvolver, estimular, valorizar, incentivar e ajudar a criança no seu processo de aprendizagem.

O professor foi ao encontro dos alunos na sala de aula enquanto a acadêmica iniciava o trabalho de observação, registrando as anotações na ficha montada para coleta de dados (Quadro I) referentes ao parquinho.

A escola dispõem de uma quadra poliesportiva coberta, área livre de 5.000 m² com bosque: Casa do Bosque, Casa da Horta e Casa dos Ipês.

No bosque observou-se diversas árvores como: Araucária, Cedro, Jerivá, Pitangueira, Araçazeiro, Nogueira entre outros, sendo que as mesmas possuíam uma placa com seu respectivo nome o que auxilia na educação ambiental.

Possuem ainda vários bancos espalhados pelo parquinho, nos quais encontravam-se professoras sentadas.

Duas hortas são cuidadas pelas crianças, sob a orientação das professoras.

4.1.2 O Parquinho

Quanto à estrutura do ambiente parquinho, observou-se que os espaços são organizados por diferentes áreas que favorecem a diversidade de opções por parte da criança na hora de brincar. Separam o lixo em compartimentos que são distinguidos pela cor e pelo material a ser reciclado (vidro, papel, plástico, orgânico) e esta ação caracteriza-se como uma questão organizacional.

Nota-se que os diversos espaços nesse ambiente foram organizados para atuação de diferentes grupos: lugares de encontro (são favoráveis para as crianças conversarem), lugares de ação individual ou em pequenos grupos (de jogos simbólicos, de construção e montagem), lugares amplos para moverem-se (saltar, puxar, correr e experimentar, enfim vivenciar movimentos amplos, com o próprio corpo).

Estão inseridos no ambiente parquinho diversos brinquedos: balanço, escorregador, corda na árvore, casinha de boneca feita de madeira, pneu na árvore utilizado como balanço, ponte adequada à idade, trepa-trepa, gira-gira, dois túneis de cimento com proteção de plástico (segurança) na entrada e saída do mesmo, mini ônibus colorido que as crianças podem entrar para brincar. As crianças menores só podem subir nas árvores do bosque quando acompanhados por um professor: *“Assim foi definido com uma questão de segurança a ser seguida desde o início do ano letivo”* (Professor de Educação Física da Escola I)

No parquinho as crianças podem distinguir facilmente os limites de cada área. Cada cantinho é um espaço diferente delimitado por diferentes revestimentos: areia, pedras, terra, grama. Existem pedaços de tronco de árvore com o formato de lâminas que se encontram no chão formando um caminho pelo qual pode-se deslocar. Um outro caminho sinuoso de cimento pintado com tinta colorida, contribuindo para a organização mais definida do espaço, fazia parte do ambiente.

Existem delimitações fortes, com elementos fixos, difíceis de serem transportados, como bancos, brinquedos, casinhas, etc. Já em relação à delimitação fraca pôde-se observar, móveis leves nos quais ficam materiais utilizados pelas crianças a qualquer momento, entre eles: tapetes, caixas com baldinhos e materiais de plástico, entre outros. Estes materiais são fáceis de deslocar.

Quanto à transformação e polivalência a organização do parquinho deve ser flexível o suficiente para permitir uma rápida transformação do espaço, a qual responda as necessidades (im)previsíveis que possam surgir. Pode-se observar, por exemplo, casa na árvore, cabanas montada com lençol amarrados nas árvores, cordas amarradas em árvores (utilizadas pelas crianças para se deslocarem de uma a outra sem colocar os pés no chão).

Os brinquedos e outros materiais estão acessíveis às crianças podendo utilizá-los sozinhas, o que favorece o desenvolvimento autônomo da criança.

Em relação à diversidade foram encontradas as seguintes vertentes:

a) diversidade quanto à estruturação: variedade de áreas com materiais específicos (brinquedos)

b) diversidade de agrupamentos: áreas de atividade em pequenos grupos, áreas de atividade individual e áreas de isolamento.

c) diversidade quanto à posição corporal: as crianças podem realizar atividades em diferentes posições corporais (sentado, em pé, deitado...).

d) diversidade de conteúdo: grande diversidade de áreas que oferecem aos alunos a realização de diferentes atividades (áreas de jogo simbólico, áreas de encontro e comunicação).

Os critérios observados no parquinho da escola em relação à estética são:

a) ser muito coloridas: as cores vivas são atraentes para as crianças e chamam a sua atenção.

b) ser original e criativa: procura a originalidade nos elementos decorativos o que chama a atenção das crianças e será um estímulo para a criatividade.

c) ser personalizada: é importante que os próprios alunos participem da decoração do parque para que se reflita a sua identidade pessoal.

d) inclui réplicas de obras infantis: existe na escola réplicas como a Branca de Neve, gnomos, etc.

4.1.3 A Aula de Educação Física

Minutos antes de iniciar a aula, o professor e a acadêmica procuraram um espaço para realização da observação definindo que o melhor local era um dos bancos que se encontrava mais ao centro do parquinho.

O professor buscou as crianças na sala de aula e os levou para o parquinho. Estavam presentes na aula de educação física 12 alunos, sendo 5 meninas e 7 meninos. Iniciou a atividade com a brincadeira de mãe cola – um aluno foi escolhido para ser o pegador. Quem ele pegava deveria ficar com a perna aberta e o outro colega deveria passar por baixo das pernas para ficar livre. Ao longo da brincadeira foi chamando outros alunos para serem os pegadores.

Formaram uma fila e tudo que o professor fazia de gesto, todos os alunos deveriam fazer igual (mão na cabeça, na cintura, de costas, rebolando, batendo palma, sentido, pulando...) e foram caminhando e executando esses movimentos pelo parquinho. Conforme caminhavam executando os gestos, quem era o primeiro passava a último da fila até que todos os alunos participassem inventando um movimento sem repetir, explorando os diferentes espaços proporcionados pelo parquinho (sobre as lâminas de madeira, entre as árvores, por baixo do túnel...).

Posteriormente, parou em frente a duas árvores dispostas paralelas uma a outra, e propôs um desafio as crianças. Elas deveriam se posicionar entre as árvores e tentar subir com auxílio dos pés e das mãos. Demonstrou uma vez como deveriam ser executados os movimentos. Após mais algumas instruções, iniciaram a atividade e quem não conseguia era auxiliado pelo professor. Quem conseguia subir mais alto e tinha medo de pular pedia ajuda ao professor. Alguns mais experientes foram alto de mais e o professor chamou a atenção. Durante a maior parte da aula ficaram nesta atividade e pode-se observar que os mais experientes após terem participado se dispersaram e foram subir em outras árvores. Brincar de quem salta mais longe.

Ao final da aula, o professor reuniu os alunos num espaço com grama e pediu que formassem uma roda e perguntou qual atividade eles gostariam de brincar para terminar a aula. Pediram a brincadeira do lenço atrás. Para quem era pego, eles cantavam uma música que dizia: “galinha choca, botou um ovo, saiu minhoca de perna torta”.

Ainda em círculo trabalhou com alongamento. Foram liberados para tomar água, lavar as mãos e retornar a sala de aula, acompanhados pelo professor.

4.2 ESCOLA 2

4.2.1 Caracterização da Instituição

A Escola 2 é uma instituição particular que atende crianças de 3 a 6 anos de uma parcela específica da população. O profissional que trabalha com a Educação Física nessa instituição é um professor em formação na licenciatura da referida área. O professor olha para a criança como sujeitos de direito, isto é, como pessoa que necessita de um acompanhamento pedagógico que leve em conta o direito de ser criança e de ser estimulada em seu desenvolvimento social, afetivo, físico e cognitivo.

Contam com uma estrutura definida em relação aos espaços existentes no ambiente externo: “Circo Gafanhoto” (palco, cortina, cadeiras e um lixo em forma de um palhaço), Parque de Aventuras (brinquedo com escorregador, furos e escada), horta coletiva, quadra pequena com grama sintética e trave para futebol.

4.2.2 O Parquinho

O parquinho dispõe de um pátio com casa da árvore, com escorregador e escada; trepa – trepa com diferentes alturas; dois animais de brinquedos para montar e área externa (amarelinha desenhada no chão; banheiro e bebedouro próprio para a faixa etária; árvores no pátio envoltas por um canteiro e parte de cimento para sentar; tenda coberta com mesinhas para trabalharem em dia de chuva). No pátio o chão é de cimento e no parque pedra e areia.

Não foram constatadas modificações no ambiente durante a observação.

Os brinquedos são acessíveis às crianças para que elas possam usá-los sozinhas, favorecendo assim o desenvolvimento autônomo da criança.

Existe um brinquedo de plástico colorido com vários furos, nos quais as crianças sobem, passam, pulam, se penduram e escorregam. Seria seguro colocá-lo onde tem areia no parquinho e não no pátio de cimento, pois assim reduziria o impacto caso houvesse uma queda, sendo, portanto um item de segurança.

Os ambientes nesse parquinho são organizados por áreas que favorecem a diversidade de opções por parte da criança. Porém, contam somente com

delimitações fortes, pois a maioria dos elementos empregados são fixos e outros são difíceis de serem transportados. Já a delimitação fraca não foi contemplada durante a observação.

Pode-se verificar que são apresentados alguns espaços nesse ambiente que foram construídos organizadamente para diferentes grupos. Seguindo a mesma estrutura da escola anterior nos deparamos com: lugares de encontro (são favoráveis para as crianças conversarem), lugares de ação individual ou em pequenos grupos (de jogos simbólicos, de construção e montagem), lugares amplos para moverem-se (saltar, puxar, correr e experimentar, através de movimentos amplos do próprio corpo).

Os limites de cada área são delimitados por diferentes materiais: areia e pedras, faixa de grama envolta do circo e grama sintética na quadra, cimento perfazendo o restante do chão, desenhos no chão com tinta colorida, contribuindo para a organização mais definida do espaço, favorecendo a sua utilização de maneira autônoma pelas crianças.

Foram encontradas as seguintes vertentes relacionadas à diversidade:

a) diversidade quanto à estruturação: áreas estruturadas com materiais específicos.

b) diversidade de agrupamentos: áreas de atividade em pequenos grupos, áreas de atividade individual e áreas de isolamento.

c) diversidade quanto à posição corporal: as crianças desenvolvem atividades em diferentes posições corporais (sentados, em pé).

d) diversidade de conteúdo: diversidade de áreas que oferecem aos alunos a realização de diferentes atividades (áreas de jogo simbólico, áreas de encontro e comunicação).

Em relação à estética desta escola, os critérios levados em consideração para observação foram:

a) ser muito coloridas: não contam com uma diversidade de cores.

b) ser original e criativa: são ambientes que já vem prontos.

c) ser personalizada: nota-se que não há a participação das crianças na sua construção.

d) inclui réplicas de obras infantis: animais como unicórnio, cavalo e uma pintura na parede com desenhos de uma história infantil.

4.2.3 A Aula de Educação Física

O pedagogo levou os alunos até o parquinho para o professor de Educação Física. Depois de conseguir reunir a turma, composta por 14 alunos, sendo 7 meninas e 7 meninos, no parquinho, o professor perguntou aos alunos com qual atividade eles gostariam de começar a aula. A maioria pediu mãe pega, e para variar um pouco a atividade o professor propôs que para salvar, o companheiro que estivesse com a bola deveria passar para quem está colado e ainda passar por baixo da perna para que volte a participar da brincadeira.

Depois do aquecimento, formaram uma roda e foram orientados para que passassem cola nas mãos e grudassem na mão do colega ao lado. Ele argumentou que todo mundo é amigo e que deveriam dar as mãos para a próxima atividade. Colocou um bambolê no braço entre dois alunos que deveriam dar as mãos por dentro do bambolê. Deveriam passar com todo o corpo por dentro dele sem soltar a mão do colega. Como variação colocou dois bambolês afastados um do outro para não tornar a atividade monótona.

Ao término desta atividade, o professor organizou os bambolês no chão do parquinho montando um circuito com os outros brinquedos que se encontram fixos no parquinho. Fez uma amarelinha (com bambolês) na qual os alunos deveriam saltar (com canguru, como cavalo, com um pé só...), deveriam se equilibrar nos pneus com a ajuda do professor, passar por baixo do cavalo, se dependurar no trepa-trepa, transpor o brinquedo com cordas e pneus, se equilibrar na barra, percorrer o labirinto, pular outros bambolês, passar pela casa da árvore, correr por trás do circo.

Ao final dessa atividade o professor recolheu os bambolês e comentou que sabia fazer mágica com eles. Os alunos ficaram concentrados observando a maneira como ele recolhia o bambolê com os pés e tentavam imitá-lo.

Pediu ajuda para levar o material e acompanhou os alunos até a sala de aula, levando copos com água para todos.

4.3 A ESCOLA 3

4.3.1 Caracterização da Escola

A Escola 3 trabalha com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (1ª a 8ª). O professor que atua nessa instituição é formado em licenciatura em Educação Física e possui pós-graduação em Educação Infantil. Tal instituição privilegia a cooperação, trabalho coletivo, autonomia, questionamento do consumo desenfreado, equilíbrio entre liberdade e disciplina, a construção do conhecimento de forma compartilhada, a idéia de projetos, de pesquisa entre outros, construindo assim um ser integral.

Antes de iniciar a observação da aula prática, fez-se uma breve visita ao local - parquinho, pois faltavam alguns minutos para iniciar a aula. Em seguida registros foram feitos na ficha de coleta de dados.

A estrutura conta com uma quadra poliesportiva coberta, área livre ampla e num outro espaço ao lado da quadra existem duas estruturas de madeira como se fossem casinhas (estilo palafitas) com chão de areia.

O ambiente possui várias árvores, algumas frutíferas, o que auxilia na educação ambiental.

Possuem ainda bancos espalhados, algumas mesas e uma horta assistida pelas crianças.

4.3.2 O Parquinho

Quanto aos brinquedos, possuem balanço, escorregador, corda na árvore (escada feita de corda e também duas cordas amarradas entre árvores para atravessar de uma para outra), casinha, trepa-trepa, gira-gira, mini caminhão colorido que as crianças podem entrar para brincar. Os lixos são depositados em compartimentos espalhados pelo pátio.

Quanto à transformação, o ambiente parquinho apresentou, por exemplo, casa na árvore, cordas amarradas nas árvores, etc. o que o caracteriza como um ambiente polivalente.

A crianças não possuem tanta autonomia durante a aula de Educação Física, pois qualquer indisciplina o professor utiliza seu apito e chama a atenção de quem não está prestando atenção ou não estiver participando da atividade.

Em relação à segurança do ambiente não foi observado brinquedos ou espaços que possam vir a causar acidente durante a prática.

Diversos espaços nesse ambiente foram construídos organizadamente para diferentes grupos: lugares de encontro (são favoráveis para as crianças conversarem), lugares de ação individual ou em pequenos grupos (de jogos simbólicos, de construção e montagem), lugares amplos para moverem-se (saltar, puxar, correr e experimentar, através de movimentos amplos, o próprio corpo).

No parquinho as crianças podem distinguir facilmente os limites de cada área. Cada espaço é delimitado por diferentes materiais: areia, terra, grama. Alguns caminhos de cimento contornam a quadra e o espaço de areia, o que acaba delimitando o espaço contribuindo para a organização mais definida do mesmo, favorecendo a utilização autônoma pelas crianças. Delimitações fortes estão presentes, pois a maioria dos elementos empregados são fixos, difíceis de serem transportados, como bancos, brinquedos, casinhas, caminhão colorido, etc. Já em relação à delimitação fraca podem ser observadas, cordas que são amarradas entre árvores que a qualquer momento poder ser modificadas.

Foram encontradas as seguintes vertentes relacionadas à diversidade:

- a) diversidade quanto à estruturação: apresentam diferentes áreas.
- b) diversidade de agrupamentos: áreas de atividade em pequenos grupos, áreas de atividade individual e áreas de isolamento.
- c) diversidade quanto à posição corporal: as crianças desenvolvem atividades em diferentes posições corporais (sentados, em pé...).
- d) diversidade de conteúdo: grande diversidade de áreas que ofereçam aos alunos a realização de diferentes atividades (áreas de jogo simbólico, áreas de encontro e comunicação).

Foram observados os seguintes critérios estéticos na escola:

- a) ser muito coloridas: as cores vivas são atraentes para as crianças e chamam a sua atenção.
- b) ser original e criativa: são originais e criativos quando utilizam cordas para desenvolverem atividades de aventura.

c) ser personalizada: não existe a participação dos alunos na decoração do parquinho.

d) incluir réplicas de obras infantis: não foram contemplados nesse ambiente tais elementos.

4.3.3 A Aula de Educação Física

O professor foi até a sala buscar os alunos. Orientou os 12 alunos, sendo 5 meninos e 7 meninas, a se deslocarem até o parquinho. Lá chegando, reuniu-os após um apito e explicou como seria realizada a primeira atividade. A atividade proposta foi mãe corrente, na qual um aluno foi encarregado de ser o pegador e quando ele pegava alguém, este deveria ficar segurando na mão do pegador e ambos saíam pegando os outros, formando uma corrente, pois ficavam segurando um na mão do outro. Utilizaram todo o parquinho para deslocarem-se.

Posteriormente, pediu que os alunos tirassem seus tênis e se posicionassem atrás de uma corda que estava estendida no chão. Cada aluno deviria arremessar o tênis com a mão, um de cada vez e depois arremessar o tênis com o pé.

Em seguida pediu que trocassem de tênis com o colega, de acordo com o tamanho do pé.

Orientou os alunos para que ficassem de costas para o parquinho, com os olhos fechados, escondeu os tênis nos diferentes espaços e mandou os alunos procurarem. Quem achar e calçar o tênis primeiro ganha.

Para finalizar pediu que fizessem um monte com todos os tênis e contaram em voz alta quantos tinham no total.

A outra atividade proposta pelo professor foi a de separar os alunos em três grupos, ficando cada um responsável por um tipo de material. Um grupo deveria procurar em todo o parquinho diferentes tipos de folhas. Os outros grupos deveriam procurar diferentes tipos de pedras e gravetos. Depois de coletados todo esse material, os alunos deveriam trocar com seus companheiros seus materiais, ficando cada grupo com os três tipos diferentes. O professor pediu que cada grupo formasse um desenho com todo material, coletado e trocado, no piso de cimento.

Como volta à calma brincaram de lenço atrás com variação, batendo a mão no chão; batendo palma e por último com o pé batendo no chão. Por estarem muito agitados o professor pediu que continuassem sentados e fez a brincadeira de cheirar a flor (inspirar) e assoprar a velinha (expirar), para acalmarem um pouco. Acompanhou os alunos até a sala.

Com base nas observações construímos um quadro analítico e comparativo sobre as principais características relacionadas aos temas norteadores respondendo de maneira simplificada aos questionamentos que apresentamos no início do estudo (Quadro III, p. 39).

QUADRO III - ANÁLISE DOS TEMAS NORTEADORES

Temas Norteadores	Escola - 1	Escola - 2	Escola - 3
Organização	Possuem espaços organizados	Possuem espaços organizados	Possuem espaços organizados
Materiais	Durante a prática utilizaram um lenço e elementos do parquinho	Durante a prática utilizaram bambolê, bola e elementos do parquinho	Durante a prática utilizaram corda, lenço, tênis e elementos do parquinho
Interação	Aluno - aluno Aluno - ambiente Aluno - professor	Aluno - aluno Aluno - ambiente Aluno - professor	Aluno - aluno Aluno - ambiente Aluno - professor
Estética	Colorida com vários recursos no ambiente	Poucas cores e vários recursos no ambiente	Colorida com vários recursos no ambiente
Transformação	Utilizam lençol p/ confecção de cabana e corda na árvore	Não houve modificação do ambiente	Corda na árvore
Diversidade	A estrutura permite a vivência de diferentes posições corporais	A estrutura permite a vivência de diferentes posições corporais	A estrutura permite a vivência de diferentes posições corporais
Concentração	Concentram-se para escutar e realizar a atividade	Não se concentram para escutar, mas demonstram interesse	Concentram-se para escutar e realizar a atividade
Motivação	As crianças encontram-se motivadas e demonstram interesse	As crianças encontram-se motivadas e demonstram interesse	As crianças encontram-se motivadas e demonstram interesse
Autonomia	incentivada	incentivada	reprimida
Estruturação	Por áreas	Por áreas	Por áreas
Delimitação	Forte e fraca	Forte	Forte e fraca
Polivalência	Ambiente proporciona várias possibilidades de utilização p/ desenvolver atividades	Ambiente proporciona várias possibilidades de utilização p/ desenvolver atividades	Ambiente proporciona várias possibilidades de utilização p/ desenvolver atividades
Habilidades motoras	Habilidades diversificadas	Habilidades diversificadas	Habilidades diversificadas
Segurança	Instituição demonstra preocupação	Instituição não demonstra preocupação	Não favorece situações de perigo

Com base no quadro III, observa-se que todas as escolas possuem um parquinho organizado com diferentes delimitações, o que favorece a exploração tanto das diferentes áreas como proporciona vivências de diferentes habilidades motoras, tornando-o um ambiente polivalente. Observa-se que existe também uma preocupação das escolas com relação à estética e a segurança do ambiente.

Quanto à aula de Educação Física observada nas três escolas, nota-se que existe uma preocupação do professor em propor atividades que explorem o ambiente parquinho, porém somente nas Escolas 1 e 2 os alunos possuem mais autonomia para explorarem. Na Escola 3 as atividades são mais direcionadas. Durante as três aulas observamos que são contempladas as capacidades físicas (força, velocidade, ritmo, entre outras) as quais são desenvolvidas através de movimentos que fazem parte das atividades propostas pelo professor. Habilidades motoras também são desenvolvidas através de movimentos de locomoção, de equilíbrio e de manipulação, o que favorece o desenvolvimento motor das crianças.

Nota-se que durante a aula os professores utilizaram mais de um espaço (delimitados com areia, grama, cimento) do ambiente parquinho. Somente na escola 1 as atividades desenvolvidas utilizaram os objetos (brinquedos/estrutura) para desenvolverem as habilidades, sendo que na escola 3 utilizaram de outros materiais (corda, tênis). A escola 2, além de utilizar os objetos que já se encontravam no parquinho, utilizou outros recursos para enriquecer a prática.

Quanto a delimitação, as escolas 1 e 3 possuem estruturas fixas e móveis em sua estrutura enquanto que a escola 2 conta somente com delimitação forte, ou seja, os brinquedos são fixos e não possuem indícios de materiais mais leves de fácil deslocamento que sirvam de delimitação de um espaço.

Nota-se que nas três escolas a interação aluno - aluno, professor - aluno e aluno - ambiente se faz presente assim como observa-se motivação dos alunos pois demonstram interesse na aula. Somente na escola 2 as crianças estavam dispersas o que prejudicava a concentração das mesmas

Com relação ao três eixos apresentados - caracterização da instituição, o parquinho e a aula de Educação Física - observa-se que as escolas são semelhantes.

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se no estudo que o parquinho das três escolas são utilizados durante a prática pedagógica dos professores de Educação Física de acordo com a atividade e a necessidade das crianças. Porém, os recursos materiais disponíveis nesse ambiente são pouco explorados durante a aula, prevalecendo à utilização do ambiente como um espaço com obstáculos no qual adaptam-se as atividades para que sejam desenvolvidas no mesmo.

O parquinho pode ser denominado com um ambiente de aprendizagem de movimento da Educação Infantil. Rico em estímulos, o parquinho faz com que as crianças interajam desde a tenra idade com os objetos e materiais diversos, umas com as outras e com os adultos.

Assim, buscou-se através deste estudo, mostrar que é na rotina diária que a criança se desenvolve integralmente, é no qualificar deste dia a dia que as práticas para a infância devem assentar. Essa fase da vida é importante para desenvolver seu acervo motor especificamente das habilidades motoras básicas que serão necessárias para a aquisição de outras habilidades. Para que desenvolva tais habilidades a criança necessita estar inserida em situações educativas que promovam seu desenvolvimento tanto intelectual, social, emocional como também o corporal, podendo para tanto utilizar como recurso pedagógico o ambiente parquinho.

Os professores de Educação Física devem explorar ao máximo o ambiente parquinho pelos diversos recursos que apresenta, visando o trabalho com corpos que se movimentam, pois, os espaços na Educação Infantil não deve ser visto somente como um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo, mas sim como um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa.

Planejar a vivência no espaço implica prever que atividades são fundamentais para a faixa etária a que se destina, adequando a colocação de móveis e objetos. Propor atividades que envolvam a exploração do ambiente também contribuem para o pleno desenvolvimento das crianças.

Deve-se pensar o espaço físico como ambiente de aprendizagem a trabalhar nele o desenvolvimento pleno da criança. O professor deve usar a

imaginação para poder fazê-los polivalentes ao máximo e adaptá-los as diferentes necessidades que vão surgindo.

O movimento do corpo é abordado como uma das linguagens que permite à criança investigar, conhecer e expressar o ambiente no qual está inserida, como também, tomar consciência de si e deste ambiente sócio-cultural.

Para utilizar o parquinho como um ambiente, os professores devem elaborar um trabalho pedagógico que organize ações para o desenvolvimento das diferentes linguagens utilizadas pela criança, ou seja, das diversas formas de expressão e comunicação que a criança pequena utiliza para se conhecer e se relacionar com o meio.

Consideramos que o profissional de Educação Física deve trabalhar com as crianças no ambiente parquinho com base em um programa de atividades lúdicas, envolvendo os jogos e brincadeiras em seu planejamento. Deve-se reduzir a preocupação pelo excesso de tentá-las mantê-las quietas e reprimir seus movimentos durante as aulas, pois é através de atividades lúdicas que a criança exercita o corpo. Através de brincadeiras desenvolvidas no ambiente parquinho, a criança aprimorará sua qualidade de vida e suprirá algumas das privações (privação social e afetiva, do espaço físico e da natureza) vivenciadas no cotidiano.

REFÊRENCIAS

ABDANUR, Elizabeth. **Parques infantis de Mário de Andrade**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 36, 1994.

ÁNGEL, Julia Blández. **La utilización dei material y del espacio en educación física**. Propuestas y Recursos didácticos. Barcelona: INDE Publicaciones, 1995

BASSEDAS, Eulália, HUGUET, Teresa e SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 1,2 e 3. 1998-a.

CARDONA, Maria João. O espaço e o tempo no Jardim de Infância. **Pro-posições**. Campinas: UNICAMP, vol. 10, n. 1 (28), p. 132-139, mar., 1999.

CHAMBOREDON, Jean-Claude e PRÉVOT, Jean. **O “ofício de criança”: definição social da primeira infância e funções diferenciadas da escola maternal**. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 59, p.32-56, nov. 1986.

PEREIRA, Beatriz; LARANJEIRO, Hugo; MALTA, Paula. **Os espaços lúdicos para a infância: dos parques infantis aos parques de diversão**.(p 290) Congresso Internacional – Os Mundos Sociais e Culturais da Infância. ACTAS III Volume 19-22. Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança BRAGA – PORTUGAL BEZERRA – Editora Jan. 2000.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: Perspectivas Pós-Modernas**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

FARIA, Ana Lúcia Gourelart . ***Direito à infância: Mário de Andrade e os parques infantis para as crianças de famílias operárias na cidade de São Paulo (1935-1938)***. São Paulo. 1993. 175 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

FILGUEIRAS, Isabel Porto e FREYBERGER, Adriana. **Brincadeiras e Jogos no Parque. *Avisa lá***. Revista para formação de professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Crecheplan, n.5, p. 16-21, jan., 2001.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GARANHANI, Marynelma Camargo. **Concepções e práticas pedagógicas de educadoras da pequena infância: Os saberes sobre o movimento corporal da criança**. São Paulo. 2004. 155 f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GO Tani, et al. **Educação física escolar, fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EPU; 1988.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, Cores, Sons, Aromas – A Organização dos Espaços na Educação Infantil**. Editora Artmed, Porto Alegre, 2004.

LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Curitiba: UFPR/ PROGRAD, BRASIL [Leis e decretos, etc...], Lei Nº 9394/96;Decreto Nº 2.207, de 15 de abril de 1997; Decreto Nº 2.208, de 17 de abril de 1997

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MIRANDA, Danilo Santos de. **O Parque e a Arquitetura – Uma Proposta Lúdica**. 2ª Edição Editora Papirus, São Paulo - SP, 2001 In: GARCIA, Erivelto Busto: Ação cultural, espaços lúdicos e brinquedos interativos. In: PINA, Luiz Wilson. O parque lúdico: a construção de um novo conceito do brincar.

PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças. Contextos e Identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, 1997.

RAMOS, Joanita. Suplemento da **Gazeta do Povo – Viver Bem** 06/10/1996 Nº 676 – Ano XIV p.4.

TRIVINÓS, Augusto Nivaldo Silva e MOLINA Neto Vicente. **A pesquisa qualitativa na educação física: Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS/ SULINA, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de documentos científicos**. Curitiba: UFPR, 2000.

VIEIRA, Sandra Aparecida Bassetto. **Os parques infantis da cidade de São Paulo (1935-1938): Análise do modelo didático-pedagógico** Revista de Iniciação Científica da FFC, v.4, n.1, 2004.

<http://ecrp.uiuc.edu/v7n1/walsh-sp.html>. Acesso em 25 jun. 2005.

<http://portal.mec.gov.br> Acesso em: 23 jun. 2005.

http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 27 jun. 2005